

A BANALIDADE DO MAL NA CONTEMPORANEIDADE

THE BANALITY OF CONTEMPORARY TIMES

*Victor Hugo Capelli Sanches**

Resumo: O presente trabalho pretende analisar o conceito de Banalidade do Mal, a partir da obra *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a Banalidade do Mal*, da filósofa Hannah Arendt. O conceito foi tecido a partir da cobertura feita por Arendt no julgamento de Eichmann na Corte Distrital de Jerusalém em 1961, para a Revista *The New Yorker*. Na compreensão de Arendt, Eichmann era um mero burocrata, um cumpridor de regras, um homem sem consciência, incapaz de pensar a partir do ponto de vista do outro; um bom pai de família, um trabalhador exímio e perfeito cumpridor das leis. Seria possível que um homem comum, com todas essas qualidades, fosse o responsável pela eliminação de milhares de judeus enviados pelos trens da morte aos campos de extermínio, acusado de crimes contra o povo judeu, crimes de guerra e crimes contra a humanidade? A intenção de Arendt ao elaborar tais questões não foi de eximir Eichmann de sua responsabilidade, mas de compreender em que medida, às sombras do Regime Totalitário, a consciência pode ser cooptada. Esse tipo banal de mal repousa na ausência do pensamento e na impossibilidade do indivíduo de reconhecer sua responsabilidade perante o outro. Diante disso, o trabalho em sua conclusão busca interligar o conceito ‘banalidade do mal’ com os fatos contemporâneos e que implica o caráter de Eichmann e os crimes que representam.

Palavras-Chave: Banalidade. Mal. Barbárie. Contemporaneidade.

Abstract: The present work intends to analyze the concept of Banality of Evil, from the work *Eichmann in Jerusalem – a report on the Banality of Evil*, by the philosopher Hannah Arendt. The concept was woven from Arendt's coverage of Eichmann's 1961 Jerusalem District Court trial for *The New Yorker Magazine*. In Arendt's understanding, Eichmann was a mere bureaucrat, a rule-abiding man, a man without conscience, incapable of thinking from the other's point of view; a good family man, an excellent worker and a perfect law-abiding man. Could it be that an ordinary man, with all these qualities, was responsible for the elimination of thousands of Jews sent by death trains to the death camps, accused of crimes against the Jewish people, war crimes and crimes against humanity? Arendt's intention in elaborating such questions was not to exempt Eichmann from his responsibility, but to understand to what extent, in the shadows of the Totalitarian Regime, conscience can be co-opted. This banal type of evil rests on the absence of thought and on the individual's impossibility of recognizing his responsibility towards the other. In view of this, the work in its conclusion seeks to interconnect the concept 'banality of evil' with contemporary facts and which implies the character of Eichmann and the crimes they represent.

Keywords: Banality. Bad. Barbarism. Contemporaneity.

* Licenciado em Filosofia pela Faculdade João Paulo II de Marília/SP. Professor do Centro de Estudos no Instituto Dona Placidina (Colégio Placidina) em Mogi das Cruzes. Atualmente, graduando em Engenharia de Software pela UMC (Universidade de Mogi das Cruzes/SP).

Introdução

O presente trabalho procura compreender e analisar o conceito de banalidade do mal a partir da obra *Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a Banalidade do Mal*, da filósofa Hannah Arendt. O conceito foi tecido a partir da cobertura feita por Arendt no julgamento de Eichmann na Corte Distrital de Jerusalém em 1961, para a Revista *The New Yorker*. Nosso intuito é problematizar este conceito a partir de sua presença em nosso mundo contemporâneo.

Na primeira parte do nosso trabalho nos dedicaremos a analisar o contexto histórico em que se deu o julgamento de Eichmann em Jerusalém. Para isso devemos compreender o cenário histórico-social e político pós-Primeira Guerra Mundial e as condições objetivas que permitiram a emergência de regimes totalitários, sobretudo do nazismo na Alemanha.

A Segunda Grande Guerra e seus desdobramentos é herdeira direta de uma guerra que nunca terminou. O forte espírito de revanchismo e animosidade, aliada às condições precárias da economia e da vida moral dos alemães constituíram ingredientes fundamentais para o surgimento do nazismo. Veremos que o julgamento de Eichmann irá revelar um lado obscuro dos regimes totalitários, a saber, a banalidade do mal.

Na segunda parte iremos tratar do conceito da banalidade do mal a partir do julgamento de Eichmann.

Arendt ao ser enviada para cobrir o julgamento percebe que há algo muito estranho atrás da cabine de vidro blindada. O homem que estava sendo julgado não despertava nenhum sinal de pavor, ou mesmo apresentava um perigo visível, pelo contrário, se comportava como um cidadão de bem, um exímio servidor público do Estado Nazista, um cumpridor de ordens.

Apesar dos volumes de processos que o acusavam diretamente como responsável por conduzir milhares de pessoas às câmaras de gás, por meio dos trens da morte, Eichmann dizia ser inocente. (Aqui é um dos pontos culminantes da reflexão).

O que seria capaz de retirar-lhe a capacidade de pensar a partir do outro? É esta questão fundamental que fará com que Arendt compreenda o mal como sendo banal.

Na terceira e última parte pretendemos demonstrar que a banalidade do mal se constitui como um fenômeno para além do tempo, pois ainda se manifesta nos dias atuais. Por meio de alguns exemplos bem contundentes pretendemos demonstrar como nós podemos trazer dentro de si mesmo a figura de ‘Eichmann’, na medida em que deixa de pensar a partir da perspectiva do outro. O trabalho, por excelência, oferece por intuito fatos do quanto o mal se espalha nas mais diversas esferas da vida social e que não percebemos sua atuação e suas consequências, sobretudo na contemporaneidade.

O CONTEXTO HISTÓRICO DO JULGAMENTO DE EICHMANN

Entre os anos de 1931 a 1939, o mundo passava por várias transformações. No campo econômico os países tentavam se reerguer da grande crise provocada pela quebra da bolsa de valores em 1929 nos Estados Unidos com influências significativas no âmbito social.

Na esfera política, os países nutriam um sentimento de animosidade decorrente da Primeira Grande Guerra, o que culminou na Segunda Grande Guerra e na emergência de regimes totalitários. Neste cenário, vale destacar o papel que a Alemanha desempenhou no ambiente europeu após a Primeira Guerra. Ao perde-la, a Alemanha não só teve prejuízos no campo econômico, ao ser condenada pelo Tratado de Versalhes, pagando suntuosas indenizações aos países vencedores e perdendo parte de seus territórios, como também vivenciando uma das suas maiores crises políticas de seu país. A Alemanha se encontrava devastada e o espírito de seu povo, humilhado.

É neste contexto que surgiram os regimes totalitários e permitiram com que figuras autocráticas assumissem o controle político da Nação. Em 1933 Adolf Hitler assumiu o poder do país e como chanceler no dia 30 de janeiro de 1933.

Nas palavras de Hannah Arendt, esse nacionalismo nazista é diferente do nacionalismo tradicional, que se esvaia, ele se assemelha mais ao nacionalismo soviético, aquele de não aceita, já mais, a estreiteza dos seus convictos membros do partido, mas dirige as palavras nacionalistas aos simpatizantes em massas.

Uma vez que os judeus detinham boa parte da riqueza mundial, participavam ativamente na política mundial, funções públicas e a frente de grandes bancos com influência econômica, os nazistas utilizaram disto como mero pretexto, “interessante truque demagógico para conquistar as massas”. (ARENDR, 1989, p.23), propagando a força judia como ameaça mundial. Deste modo, não demorou muito, diante do contexto,

para que o antissemitismo, que já se encontrava em crescimento em outras regiões do mundo, sofrer as consequências das atitudes que um partido nazista pode tomar, de acordo com seu nacionalismo extremo e com suas explosões de xenofobia.

Por conseguinte, as políticas do totalitarismo e nacionalismo, sobretudo referente aos países que fizeram parte do Eixo na Segunda Guerra Mundial, Alemanha, Itália e Japão, tiveram o Tribunal de Nuremberg para julgar os muitos líderes que constituíram o holocausto da Segunda Guerra Mundial, com ênfase nos da Alemanha nazista, sendo um dos condenados, Eichmann.

Para Arendt (1999, p. 32) ao tratar mais especificamente da Alemanha, Otto Adolf Eichmann é alemão, filho de Karl Adolf Eichmann e Maria, não foi julgado em Nuremberg, mas sim, em 1961 na Corte Distrital de Jerusalém. Eichmann, foi objeto de acusações graves, entre elas “crimes contra o povo judeu, crimes contra a humanidade, crimes de guerra, durante todo o período do regime nazista, sobretudo, durante a segunda Guerra Mundial”. É a partir desse ponto que a leitura da obra *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*, de Hannah Arendt, começa a ficar interessante. O que mais intriga Arendt e seus leitores não é o fato de Eichmann estar sendo julgado por tais crimes, pois sabemos veemente que essas atrocidades foram cometidas não só por ele, mas também por muitos outros alemães-nazistas e antissemitas. O fato atizador é como Eichmann responde aos crimes aos quais é acusado, isto é, a morte de inocentes de formas diversas, a clausura, a tortura, propagação do antissemitismo, racismo e a desordem mundial, com um, ‘*sou inocente, no sentido da acusação*’. Concordando com Arendt, em que sentido então ele se considerava culpado? Entretanto, nem a defesa, nem a acusação, nem nenhum dos três juízes se deu ao trabalho de lhe fazer essa pergunta óbvia. (ARENDR, 1999).

Levando em consideração o período histórico em que estas atrocidades aconteceram, torna-se compreensível a própria defesa de Eichmann acerca de sua inocência, uma vez que a Alemanha nazista era constituída de um poder totalitário, o que implicava numa sujeição do povo às ordens arbitrárias do Führer. Eichmann se julgava, poderíamos assim dizer, até uma pessoa gloriosa, um exemplo de cidadão e agente público a ser seguido, um exímio cumpridor de ordens. Na concepção de Eichmann as acusações que pesavam sobre ele eram infundadas e jamais poderiam ser entendidas como crimes. Diante dos promotores que o acusavam, Eichmann exprimiu seu sentimento de perplexidade ao afirmar que tudo aquilo não passava de um grande mal-entendido, um azar, um possível erro. Arendt (1999, p. 33) relembra as palavras de Servatius: “*Nas*

palavras de Servatius, somos condecorados se vencemos e condenados à prisão se perdemos”, Eichmann nunca teria aceitado uma derrota perante o tribunal de Jerusalém, isto é, ele ainda considerava seus atos como ínfimos diante da realidade em que ele viveu e se chocava, ao ponto de demonstrar tristeza, diante de fatos contados como ‘erros’ cometidos perante a solução final ou às exigências do Estado nazista. Dentro da cabine de vidro, lendo as palavras de Arendt, a única coisa que era possível de se enxergar no tribunal, é uma pessoa que supostamente estava parada no tempo em que toda a humanidade denomina como holocausto, o Terceiro Reich.

No entender de Arendt (1999, p. 22-23) as condições históricas, olhando profundamente para o holocausto e todos os requisitos históricos que temos, é extremamente difícil enxergar as causas que levam a consequências tão aterrorizantes para os judeus e para o mundo, sobretudo em relação a solução final, como explicar a criação de uma ‘guarda especial’ de partido nazista, SS (Schutzstaffel), que defendia e apoiava as decisões de seus líderes referente aos quatrocentos e trinta judeus que foram presos em represália e literalmente torturados até a morte, como explicar as milhares de mortes nos campos de concentração por fuzilamento e câmaras de gás de Auschwitz, Mauthausen, Buchenwald, Dachau, Riga, Minsk, que, por vezes, foram tão cruéis, “coisas consideravelmente piores do que a morte, e que a SS cuidava para que nenhuma delas jamais ficassem muito distante da mente e da imaginação de suas vítimas”.

O que justificaria, por exemplo, a ausência de atitude por parte dos oprimidos, por que os judeus não mostraram resistência? Explica David Rousset, ex-prisioneiro de Buchenwald um pequeno relato sobre o que ocorria nos campos de concentração:

O triunfo da SS exige que a vítima torturada permita ser levada à ratoeira sem protestar, que renuncie e se abandone a ponto de deixar de afirmar sua identidade. E não é por nada. Não é gratuitamente, nem por mero sadismo, que os homens da SS desejam sua derrota. Eles sabem que o sistema que consegue destruir suas vítimas antes que elas subam ao cadafalso é incomparavelmente melhor para manter todo um povo em escravidão. Em submissão. Nada é mais terrível do que essas procissões de seres humanos marchando para a morte (1999, p. 22).

Para Arendt (1999, p. 20) é importante questionarmos acerca da origem de tamanhas atrocidades, não só contra os judeus, mas contra toda a humanidade: de onde surge o ódio que mata “*milhões de pessoas, pelo caso de serem judias, e um milhão de bebês, pelo caso de serem bebês judeus*”. As grandes questões que permeiam o Julgamento de Eichmann em Jerusalém foram assim elaboradas por Arendt (1999, p. 14):

Como pôde acontecer uma coisa dessas?’ e ‘Por que aconteceu?’, ‘Por que os judeus?’ e ‘Por que os alemães?’, ‘Qual o papel das outras nações?’, ‘Como puderam os judeus, por meios de seus líderes, colaborar com sua própria destruição?’ e ‘Por que marcharam para a morte como carneiros para o matadouro?’

Diante de tais questões não há respostas e nem justificativas plausíveis. O que o julgamento pretendeu demonstrar era que a Alemanha nazista foi a principal responsável pela destruição de 6 milhões de Judeus na Europa, não descartando o envolvimento de outros países que contribuíram para a disseminação do terror. Com efeito, nos afirma Arendt (1999, p. 20) [...]nas palavras de Bem-Gurion “Queremos que as nações do mundo saibam [...] e sintam vergonha” do holocausto. Porque, de fato, o antissemitismo “é uma ofensa ao bom senso”.

O CONCEITO DE BANALIDADE DO MAL

Em suas reflexões acerca do julgamento de Eichmann ocorrido em 1961 em Jerusalém, Arendt (1999) analisa este tipo de ser humano, fruto do sistema totalitário, que como os presos dos campos de extermínio, também se tornou uma máquina, um cumpridor de ordens, alguém incapaz de pensar. Arendt (1999) irá considerar em suas reflexões um tipo peculiar de mal, não aquele concebido pela tradição desde então, um demônio, mas algo que emerge justamente da incapacidade de pensar, a qual a filósofa denominou de *banalidade do mal*.

Para fins de nossa pesquisa passaremos a analisar alguns tópicos da obra intitulada *Eichmann em Jerusalém*. Detê-lo-emos nos tópicos IV (A primeira solução: expulsão), V (A segunda solução: concentração), e VI (Terceira solução: assassinato). É importante destacar que o conceito “banalidade do mal” nasce, sobretudo, da personificação de Eichmann perante as perguntas feitas pela Corte de Jerusalém em relação a sua ação nas soluções de expulsão, concentração e assassinato dos judeus, cujas respostas às perguntas dirigidas sobre o assunto foram todas com *sou inocente no sentido da acusação*. Ao acompanhar o julgamento em Jerusalém, Arendt (1999, p. 32) observava Eichmann, dentro da cabine de vidro do local, como um rapaz qualquer, não agressivo, equilibrado e pai de família. Alguns psicólogos tiveram a oportunidade de questionar acerca da relação familiar de Eichmann, com sua esposa e filhos, mãe, pai e irmãos, e concluíram que se encontravam diante de um homem absolutamente normal, sobretudo desejável, dentro dos parâmetros psicológicos, de caráter indubitável.

Digamos que um grande feito para quem cometeu tantas atrocidades, conseguir se manter intacto diante de tantas acusações graves.

De acordo com Andrade (2010, p. 113), o conceito de Banalidade do Mal revela que o termo em cheque é estabelecido por Arendt como um “mal sem motivos, sem raízes e sem explicações”, é até abandonado por Hanna a visão que ela possuía da terminologia ‘mal’, que era o ‘mal radical’, de Kant “(O mal radical se fundamenta em uma inata propensão do ser humano ao mal, noção de responsabilidade)”, que ela disserta em seu livro *Origens do Totalitarismo* olhando situações do século XX. Mas que após seu contato com Eichmann deteriora-se e a ideia de mal radical se esvai de Arendt, dando espaço para surgimento do inédito termo ‘banalidade do mal’.

É, sim, a minha opinião agora que o mal nunca é radical, que é apenas extremo e que não tem nem profundidade nem sequer uma dimensão demoníaca. Apenas o bem tem profundidade e pode ser radical [...]. De fato, você tem razão, eu mudei de opinião e não falo mais de mal radical. (Arendt apud Marcelo Andrade apud Souki, 1998, p. 101).

Entendimento da banalidade do mal é quando o mal não é uma atitude radical, existindo nele a possibilidade de tornar-se banal, comum a todos nós, ao ponto de figuras, como a de Eichmann, se tornarem meramente corriqueiras no dia a dia.

Algum tempo depois, que essa ‘árvore’ da banalidade do mal, esse comum a nós, dá como fruto o termo que conhecemos, chamado ‘barbárie’, a selvageria, irracionalidade, dentro do Estado em busca de poder, como as consequências dos atos realizados, tanto por parte dos alemães nazistas, como por parte das outras potências mundiais durante a Segunda Guerra.

Digamos barbárie pois foi, literalmente, um período de irracionalidade, onde o selvagem do Homem tomou conta de seu ser, fazendo com que seus atos se tornassem ‘justificáveis’ pela sua lerdeza e idiotice. Na visão de Arendt, a razão, voltada a banalidade, é cooptada e instaura uma obediência cega, incapaz de fazer com que o homem pense a partir dos referenciais morais.

Na interpretação de Hannah Arendt, na ascensão da banalidade do mal, seu ineditismo, é fácil observarmos que o mal banal existe há muito tempo em nossa sociedade, no nosso cotidiano, nas nossas relações.

Ao narrar sua autobiografia, na obra *A bailarina de Auschwitz*, Edith Eva Eger (2019, p. 33) afirma que “o antissemitismo não foi uma invenção nazista”, isto é, toda a construção da personalidade demonstrada por Eichmann no julgamento é fruto de longos

anos e íntimos atos banais referentes ao mal moral e social. Desse modo, podemos compreender que o mal não é radical, ou seja, cravado com raízes, mas como um fungo que, se cuidado, alimentado, aos poucos vai tomando espaço e dimensões inconcebíveis, concluindo-se com o desastre, o banal.

Arendt demonstra que cada um de nós, colocados nas mesmas circunstâncias que Eichmann, seríamos capazes das mesmas escolhas, mesmos atos, se não até piores.

Isso demonstra que a banalidade do mal, representada pela barbárie do totalitarismo do Terceiro Reich soa aos ouvidos como uma canção linda, hipnotizantes e completamente influenciadora, fazendo com que quem a ouça, não necessite de muitos esforços para compreender o que deve ser feito. Nas palavras de Arendt:

É forte a tentação de recomendar a leitura obrigatória desse episódio da ciência política para todos os estudantes que queiram aprender alguma coisa sobre o enorme potencial de poder inerente à ação não violenta e à resistência a um oponente detentor de meios de violência vastamente superiores. (ARENDR, 1999, p. 189-190).

É difícil não obedecer ou não escolher pelo mal, quando todas as possibilidades que estão à nossa volta são formadas por ele, sobretudo quando ele se aproxima de nós de modo velado, como uma brisa leve e suave. É fácil cometer assassinato quando os judeus foram destituídos de sua humanidade e dignidade. Para Eger (2019, p. 48): “O vagão do trem é diferente de tudo que já vi. Não é um trem de passageiros, é para transportar gado ou carga. Somos uma carga humana”. As coisas para as quais realmente foram feitas perdem seu significado ou utilidade padrão, e tornam-se, sem que percebamos, um objeto ultraje, de finalidade banal, a exemplo dos trens, um transporte mortal.

Cada ato de mal banal leva a novas escolhas de mal banal a um ciclo ininterrupto. Quanto aos assassinatos, surgem novas possibilidades, a saber, a tortura, as câmaras de gás, os fuzilamentos, as degolações e cremações em valas comuns, como se fosse um ritual habitual. É um caráter de terror, absolutamente inédito. Faz com que as pessoas comentam atos bárbaros sem que percebam, com que obedeçam ordens sem julgar se são ou não capacitadas de moral para executá-las, no intuito de defender, por exemplo, um ideal de ‘raça pura’.

A banalidade do mal pode ser comparada ao efeito borboleta, não nasceu de uma hora para outra, não foi Hitler quem criou a Segunda Guerra Mundial, por mais que seja o responsável, mas foram atos, escolhas que a muito tempo vieram sendo alimentados

no decorrer da história precedente ao ápice das Guerras Mundiais, fazendo com que o mal crescesse sem precedentes, sem que ninguém o interrompesse ou se importasse com as consequências colidas dos próprios atos e decisões presentes.

A BANALIDADE DO MAL NA CONTEMPORANEIDADE

Como vimos anteriormente, a banalidade do mal surge da incapacidade de pensar a partir do outro, gerada pela barbárie dos regimes totalitários, sobretudo do nazismo. A partir de agora, pretendemos compreender como a banalidade do mal se faz presente na contemporaneidade.

Tais atitudes representam a explosão do ódio, rancor, individualismo, saudosismo, armamento e tantas outras características que transmitem a barbárie e trazem como essência a banalidade do mal. Com efeito, nos afirma Arendt (1999, p.295-6)

Faz parte da própria natureza das coisas humanas que cada ato cometido e registrado pela história fique com a humanidade como uma potencialidade [...]. A assustadora coincidência da explosão populacional moderna com a descoberta de aparelhos técnicos [...] energia nuclear [...] fez com que as instalações de gás de Hitler parecessem brinquedos de criança maldosa – tudo isso deve bastar para nos fazer tremer.

Podemos compreender a banalidade do mal na contemporaneidade quando imergimos na realidade atual que refletem as seguintes preposições a seguir, nos mostrando daquilo que tem definido o século vigente.

O escrito de Hannah Arendt é tão atual quando a própria época em que foi escrito, pois de fato, tudo o que nos envolve, atualmente, tornar os meios de extermínios utilizados pelos nazistas como meros brinquedos no qual as crianças brincam e manipulam a seu bel-prazer.

No dia 24 de fevereiro de 2022, de forma mais nítida, vimos a capacidade da banalidade do mal na contemporaneidade, sua força e o quanto já tem avançado pelas ‘sombras’ no mundo atual. Nessa data, após uma grande escalada do conflito entre Rússia e Ucrânia, que se evolui desde 2014, não diferente dos motivos que deram início a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a Rússia toma a atitude de invadir o país vizinho e iniciar uma operação militar em busca de silenciar a Ucrânia referente a algumas decisões que o país poderia tomar, como o ingresso a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) em busca relações comerciais, autonomia política e contrato de poderio militar,

tendo como consequência, a criação de uma grande ‘fenda’ entre o Estado Russo e o Estado Ucrainiano.

Aproveitando a oportunidade ousada dos ucranianos, Vladimir Putin, Presidente da Rússia há 22 anos, quase superando Stalin, demonstra que essa atitude de evolução do país vizinho é mais do que o suficiente para realizar ataques a capital da Ucrânia, Kiev, montar cercos, lançar mísseis, ameaçar de utilizar armas nucleares e manter o conflito durante anos, mesmo sabendo que a quantidade de refugiados está em crescente, ultrapassando os 5 milhões de ucranianos.

Esse conflito é um mal e é banal.

A princípio, no período da invasão, tivemos uma enorme propagação de repugnância a esse conflito, as emissoras de televisão transmitiram cada segundo, cada depoimento e não foram capazes de justificar, de modo racional, atitudes que levassem a consequências tão graves, como uma guerra. Entretanto, após algumas semanas a ‘poeira abaixou’ e passamos a ver poucas notícias sobre o assunto; as únicas coisas nítidas sobre o confronto atualmente é, os ‘poderosos’ evitando o tema e a população avoadada sem ao menos saber o que realmente acontece por lá. A guerra continua, mas tornou-se banal para nós, nos acostumamos com ela, e nem sequer queremos pensar em suas causas e consequências. Esse cenário remete muito aos vários depoimentos que já ouvimos sobre a Segunda Guerra Mundial, de que ninguém sabia o que acontecia dentro dos campos de concentração, ou ao menos não procuravam saber, tudo parecia ‘normal’, não sabiam que lá havia tortura, assassinatos, cremação, escravidão, estupro, fome e miséria.

A banalidade do mal agindo pela sombra, sem que percebamos.

Nossa tentativa é de imaginar o quão impregnado está o Estado russo da podridão do verdadeiro significado de barbárie, não isentando a Ucrânia, pois a mesma também está repleta de soldados prontos para matar sem diferenciação, seja homem, mulher, criança ou uma mosca que ameacem tomar suas terras. É preocupante saber que os demais países também continuem suas vidas como se nada estivesse acontecendo, como se todos fizessem guerra ou como se todos estivessem dispostos, mais do que nunca, a uma guerra, digamos que a diferença é que só não chegou sua vez, é hora de apreciar, significar, o conflito de Rússia e Ucrânia.

As maiores preocupações citadas pelos diversos presidentes que se posicionaram contra o conflito foram devido aos aspectos econômicos, relações com a Rússia ou Ucrânia, cujo interesses, poderiam cessar com a ‘tomada de lado’ errônea. Entretanto, com as ameaças de armas nucleares, possibilidades de escalamento da guerra com outros

países, não se passou pela cabeças dos chefes de Estado que com tamanho armamento, em poucas horas, milhares de pessoas poderiam deixar de existir, excluindo, de imediato, qualquer pauta sobre economia.

Isso é banalidade do mal por completo! A barbárie destituindo o sentido moral da humanidade.

A exemplo do que acontece na sociedade russa, trago alguns fatos que podem estar acontecendo por lá, só que com agravantes, mas que acontecem, também, perto de nós. No dia 07 de fevereiro de 2022, um influenciador digital, conhecido como ‘Monark’, Bruno Monteiro, 32, argumentou, em uma transmissão ao vivo do seu famoso podcast, ‘Flowpodcast’, que “*deveria existir um partido nazista no Brasil e que qualquer um tem o direito de ser antissemita*”.

Por incrível que pareça, tivemos, num primeiro momento, uma grande repulsa da fala de Monark, o que é um fato positivo na sociedade, ele até se posicionou, após o ocorrido, com pedidos de desculpas, reconhecendo a insensatez do seu argumento, porém, o que levou Bruno Monteiro a esse tipo de reflexão foi exatamente a condição social em que vivemos, condição de que é normal esse tipo de pensamento, quando não exposto para milhares de pessoas, e repassado entre amigos, familiares. Tivemos muitos internautas que também se posicionaram de forma positiva ao ‘Caso Monark’, como chamo, o que demonstra o raso discernimento, rasa interpretação, daqueles que sabem história, mas que, infelizmente, estão, também, sujeitos a banalidade do mal na contemporaneidade.

A única justificativa que temos para esse tipo de fala é que a sociedade atual tem se assemelhando tanto a fatos já passados que corremos os sérios risco de cometê-los novamente, e a princípio, tudo começa com a aceitação, a normalidade, daquilo que um dia foi desastre. Uma das aceitações que ‘Monark’ teve, foi através do ‘Caso Adrilles Jorge’, comentarista, 47, que, ao vivo, na rede televisora Jovem Pan, dissertava sobre o ‘Caso Monark’ e ao encerrar sua participação realizou uma saudação nazista conhecida como Sieg Heil ou, em tradução livre, ‘viva a vitória’, utilizada muito por Hitler e seus seguidores no período do Terceiro Reich entre 1933 e 1945 na Alemanha.

Como podemos perceber, são traços de atitudes que, com toda certeza, desembocam na barbárie, para tanto, nascem da banalidade do mal.

São atitudes comuns, também um torcedor do time Brasil de Pelotas foi flagrado na arquibancada, sem camisa, exibindo suas tatuagens nazistas. Uma delas, nas costas, retrata o nome *Main Kampf* (Minha Luta), título do livro escrito por Adolf Hitler.

Também no seu braço esquerdo é possível ver, tatuada, a ‘Cruz de Ferro’, logo adotado pelo Terceiro Reich.

Com exemplos mais sucintos que levam a menção da Segunda Guerra Mundial fica fácil de entendermos a banalidade do mal na contemporaneidade, deste modo, há casos que se distinguem muito de situações de guerra ou apoio político e também se referem a banalidade do mal.

Em junho de 2002 tivemos o lançamento de um famoso filme chamado Dahmer, cujo diretor David Jacobson conduz o terror e drama. Jeffrey Dahmer ficou razoavelmente conhecido por ser um ínfimo psicopata canibal. (Até parece um absurdo relatar um fato de um canibal em um longa-metragem, digo que é até repugnante saber que há tamanha ousadia para uma má aptidão de David Jacobson, diretor). Por fim, essa história real tomou grande parte da população em 2022 com uma renderização e relançamento do filme na mais famosa plataforma de streaming, Netflix.

Muitas pessoas tiveram acesso ao conteúdo, e entre esses que tiveram acesso, uma jovem australiana, Britnee Chamberlain, 28, que, aparentemente, se apaixonou pela figura do serial killer e tatuou o rosto do mesmo em uma das pernas. Chamberlain postou fotos da tatuagem, atitude que se repercutiu, e em meio às críticas disse que sua tatuagem era fonte da ‘liberdade de expressão’.

Um tanto quanto irracional são os caminhos que a banalidade mal pode levar a mente humana.

Isto é, o que a jovem australiana afirma, é que, além da banalidade da guerra, do saudosismo, as raízes da barbárie já estão plantadas, mais uma vez, na contemporaneidade, pois a adesão de um canibal, serial killer, na sociedade atual é basicamente que concordar em se extinguir, é banalizar o mal à vida, em outras palavras, não ter respeito algum a vida.

Além do mais, não só Britnee teve apelo pela figura de Dahmer, os objetos do serial killer, recolhidos pela polícia americana após a sua morte, foram colocados em um museu para exposição e leilão, e vejam, o lance mínimo dos objetos eram de R\$785.000 mil, e muitos foram vendidos em pouco tempo.

A banalidade do que é mal está aí, está comum entre nós, já temos aceitado tanto o que é mal, que personalidades como a de Dahmer tem se tornado inspiração, motivo de júbilo. Sendo que a única figura que Dahmer lembra é a de Hitler.

É preciso pensar na banalidade do mal para se viver bem, temos visto muitas atrocidades acontecendo, das mais simples às mais extraordinárias, e estamos tratando tudo como, banal, comum, normal.

Quando se trata da dor constante, do roubo do senso ético, moral, da miséria, da barbárie, autoritarismo, da banalização da terminologia, instrumentalização, da perda de personalidade, refugiados, guerra, nada disso pode ser tratado como normal, comum ou banal, é apenas um mal e que precisa ser reorientado na sociedade.

Para Arendt (1989, p. 520) “O objetivo da educação totalitária nunca foi inculcar convicções, mas destruir a capacidade de formar alguma”. Desse modo, podemos pensar que todos estão lutando para que enxerguemos a realidade sobre a banalidade do mal, mas todo cuidado é pouco, se a banalidade do mal está tão perto quanto pudemos ver no artigo e não é por nossa boca, e nem por nossas próprias mãos, é, então, pelas mãos e pelas bocas que nos conduz.

Considerações finais

Propomos neste trabalho uma reflexão acerca da banalidade do mal à luz de Arendt. Os caminhos percorridos pela autora ao acompanhar o julgamento de Eichmann em Jerusalém que permitem pensar acerca do ‘modus operandi’ do mal banal ainda presente entre nós, na contemporaneidade.

Ao compreender a banalidade do mal com sendo o entorpecimento da consciência, ou seja, a incapacidade de pensar a partir do outro, Arendt nos chama à atenção para os riscos de repetirmos os mesmos erros do passado, na medida em que podemos trazer em cada um de nós um Eichamann. O que mais nos assusta nos exemplos que apresentamos não são somente as falas dos sujeitos comprometidos com uma visão fascista de mundo, mas o silêncio de uma boa parte da sociedade ou mesmo a omissão por parte dos que deveriam condenar tais atos.

A banalidade do mal colocou em xeque as categorias morais da tradição filosófica, sobretudo aquela herdeira de Kant, segundo a qual há um dever universal a ser respeitado. Ao propor o mal como sendo banal, Arendt nos coloca numa situação de desconforto, pois não temos subsídios originários na tradição filosófica para julgar os atos bárbaros de Eichamann, uma vez que ele não os reconhece como tais.

A ausência do pensamento constitui a maior ameaça em nosso tempo, pois nos priva da possibilidade de empreender um julgamento decente e justo acerca das ações humanas e parece transferir a culpa para o nada, ou seja, ele sequer existe.

É como se os atos de barbárie presentes em nosso tempo tivessem “carta branca” para existirem.

Acreditamos que uns dos caminhos para a superação da banalidade do mal em nosso tempo seja a construção de uma educação para a emancipação. Um dos pressupostos fundamentais da educação é que esta seria capaz de conter o avanço do terror. Em outras palavras, uma educação para a emancipação implica num compromisso com os ideais democráticos e a recusa de toda e qualquer ideologia que atente contra a dignidade e a liberdade das pessoas.

Em sua obra *Educação após Auschwitz*, Adorno já nos advertia acerca do papel da educação que seria o responsável para que “que Auschwitz não se repita mais”. Tal máxima impõe uma responsabilidade sobre a educação e os educadores, na medida que os faz pensar que a única maneira de conter o terror é mobilizando funções psicológicas superiores do homem, desenvolvendo as potencialidades do pensar e do sentir, no intuito de repensar a história criticamente, a fim de que não venhamos repetir os mesmos erros do passado.

A superação do espírito de selvageria que reinou nos regimes totalitários sequestrou direitos e reduziu a dignidade humana a um patamar inimaginável. É papel de uma educação emancipatória resgatar esses direitos perdidos por processos anticivilizatórios.

Para Arendt, a educação tem o papel fundamental de resgatar a dimensão política, como sendo uma das mais bem elaboradas atividades superiores do homem, de modo que o homem encontre no mundo um espaço comum para o desenvolvimento da pluralidade e da alteridade, expressões autênticas de humanização.

Não há superação do mal banal que não seja por meio de um processo de refazimento do espírito, de encontro do homem consigo mesmo e com os outros, numa perspectiva de construção de alteridade e altruísmo.

Referências

ARENDRT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. Tradução de José Rubens Siqueira. – São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANDRADE, Marcelo. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 43 jan./abr. 2010. p 109-125.

EGER, Edith Eva. **A bailarina de Auchwitz**. Tradução de Débora Chaves. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

Monark diz que partido nazista deveria existir no Brasil. Jornalismo TV Cultura. Youtube 08/02/2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Qo2kYS2_XnI. Acesso em 05/11/2022.

Adrilles Jorge faz suposta saudação nazista ao vivo e é demitido pela Jovem Pan; Qual a sua opinião: Jornal da Cidade. Youtube em 09/02/2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=JX9fMP-4dKw>. Acesso em 05/11/2022

Torcedor exhibe tatuagem nazista e é expulso do estádio no RS. Uol Esportes. Youtube 14/02/2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=MaONvRQ-Z9w>. Acesso em 05/11/2022

BARBOSA, Juliana. **Mulher tatua rosto de Jeffrey Dahmer, é detonada e explica desenho**. 29/09/2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/mulher-tatua-rosto-de-jeffrey-dahmer-e-detonada-e-explica-desenho>. Acesso em 05/11/2022.

Óculos de Jeffrey Dahmer, o 'canibal americano', vão a leilão. TV Famosos. 04/10/2022. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2022/10/video/oculos-de-dahmer-va-a-leilao-por-valor-milionario-005578567.html> Acesso em /11/20225

*Recebido em: 01/11/2024
Aprovado em: 16/11/2024*